OS ESTUDOS DE CHUCK SILVERMAN COM MURRAY SPIVACK

A REVISTA DE BATERIA Nº 1 DO MUNDO

MODERN DRUMMER BRASIL

melody editora

MODERN DRUMMER • Nº 27 • R$ 9,90
7 898923 149981

SUPERTÉCNICA

MESTRES DA BATERIA REVELAM SEUS SEGREDOS!

E MAIS: ESTUDOS DE BUMBO SIMPLES E DUPLO

EXCLUSIVO MD BRASIL:

MIKE TERRANA

CONTA SOBRE SEU SOM, SUA TÉCNICA DE BUMBO DUPLO E SUA PARTICIPAÇÃO NO NOVO CD DE KIKO LOUREIRO

AS VÁRIAS FACETAS MUSICAIS DE AZAEL RODRIGUES

PRODUTOS

Alesis, Sabian e Paiste

COLUNAS DE ESTUDO

Os grooves e viradas de A-Lex do Sepultura

Toque chacarera e milonga

Varie seu pé esquerdo no samba

Aplicando o 3 contra 4 na bateria

Ideias diferentes de grooves de samba

Aprenda a tocar o swing clássico

Desenvolva seu six-stroke roll

ANDRÉ GONZALES E O SEU SUPEROVERDRIVE

O baterista André Gonzales possui uma sólida carreira acompanhando artistas, dando aulas, realizando gravações e agora também com seu projeto SuperOverDrive. A *MD* entrevistou este baterista que é um exemplo de como um músico deve ser versátil mantendo alta qualidade em cada frente em que atua.

MD: Fale sobre suas atividades atuais.

André Gonzales: O principal projeto atual é a SuperOverDrive, um trio de rock com o guitarrista Ricky Furlani e o baixista Andrés Zúñiga. É um trabalho autoral, com forte influência musical dos anos 60 e 70, com letras de temática mais profunda. Além desse projeto, estou atuando ao vivo com a banda de black music Funkacid, a banda do Roberto Justus, o cantor Dave Maclean, a banda Hits Again — que reúne alguns artistas brasileiros de sucesso da década de 1970 que cantavam em inglês — e a banda Grooves & Afins, que faz instrumental baseado em um repertório totalmente roots.

MD: Com que artistas/bandas você já tocou?

AG: Jane Duboc, Egberto Gismonti, Gilberto Gil, Celso Pixinga, O Terço, Fernando Forni, Afonso Nigro, Dalvan, as cantoras americanas Gwen Leathers e Gabrielle Goodman, a cantora inglesa Nicky French, as bandas Rush Visions (tributo a Rush) e Fireball (tributo a Deep Purple), e mais um monte de gigs e músicos, ao vivo e em gravações.

MD: Como funciona a sua rotina de trabalho, entre shows, aulas e gravações?

AG: Atualmente sou coordenador do curso de bateria da Escola Legends, em São Paulo, onde leciono de três a quatro dias por semana. O restante de minhas atividades, tocando ao vivo e gravando, faço em horários malucos (risos). Vou me virando e conciliando os horários fixos das aulas com os compromissos variáveis dos artistas e estúdios. O importante é ser organizado e comunicativo com escolas, produtores e artistas.

MD: Quais são suas influências?

AG: Minhas influências iniciais eram tudo que se ouvia em casa, basicamente Led Zeppelin, Deep Purple, Focus, Beatles, Crosby, Stills & Nash, James Taylor, The Police, Yes, Creedence... Mas a coisa ficou séria mesmo quando ganhei, aos 9 anos, o *2112*, do Rush. Aquilo mudou minha cabeça e imediatamente quis começar a tocar bateria.

À medida que o tempo foi passando, por influência dos professores e de outros músicos, fui descobrindo outros estilos, músicos e bandas.

Isso me fez abrir a cabeça e querer ouvir e tocar

todo tipo de música, mas, resumidamente, sou muito influenciado por grandes bateristas como John Bonham, Neil Peart, Ian Paice, Ringo Starr, Stewart Copeland, Rod Morgenstein, Buddy Rich, Joe Morello, Ginger Baker, Will Calhoun, Bill Bruford, Steve Smith, Dan Seraphine, Keith Moon, Kirk Covington, Jeff Porcaro, Carter Beauford, Eric Carr, Baby Dodds, Jim Keltner, Deen Castronovo, Dennis Wilson, David Garibaldi, Bernard Purdie, Matt Cameron, Papa Jo Jones, Pierre Van Der Linden, Ed Shaughnessy, Andy Sturmer, Bobby Caldwell, Scott Travis, Sheila E., Tony Williams, Omar Hakim, Milton Banana, Rubinho Barsotti, Luís Moreno, Airto Moreira, Kuki Stolarski, Franklin Paolillo, Marinho Thomás, Gel Fernandes e todos os artistas e bandas com os quais eles tocaram.

MD: Qual a maior dificuldade para lidar com diferentes frentes de trabalho no cenário musical?

AG: Dificuldades existem em todo campo de trabalho, e na música não é diferente. Importante é estar preparado para enfrentá-las da melhor maneira possível. Quando nos tornamos músicos, vem aquele orgulho de ser instrumentista, mas na verdade o mercado musical não está muito interessado na sua arte, se você é bom, se tem algo a dizer artisticamente. E então, podem surgir aí algumas decepções. Mas acredito que dá para chegar a um ponto de equilíbrio balanceando duas coisas: fazer o que se gosta e fazer aquilo que no final do mês vai pagar suas contas.

Assim, se você tem a mente aberta, começa a enxergar que no campo da música há várias possibilidades. Além de instrumentista, você pode atuar no campo letivo dando aulas e realizando workshops. Também pode fazer inúmeras outras atividades, como se especializar em gravações, consultoria, vendas em lojas de instrumentos, produção musical e composição.

Ou seja, são muitas possibilidades dentro da música, e cabe a você enxergá-las e decidir quais são interessantes.

No meu caso atuo muito tocando, dando aulas e gravando. São atividades que me interessam e satisfazem. Tocar é o que na verdade todo músico gosta, a meu ver. Dar aulas é uma bênção, pois acredito que as pessoas que possuem conhecimento têm obrigação de passá-lo adiante, encorajando e abrindo a mente do músico que está querendo aprender, independentemente de sua idade e vivência musical. E gravar é uma atividade que adoro, pois exige que você seja fluente em várias linguagens musicais e que resolva rápido o que querem de você no estúdio, seja em relação ao que se toca até a timbragem e escolha do instrumento certo para determinada sessão. E, é claro, exige também uma boa leitura musical.

MD: Como se deu a sua formação musical?

AG: Comecei a tocar e cantar muito cedo. Meu pai (Dave Maclean) é músico, e desde que me conheço por gente estive envolvido com o mundo musical. Ainda criança ele me levava aos seus ensaios, shows e gravações, e comecei a participar de coros infantis em muitos discos de artistas e jingles publicitários. Aos 9 anos disse ao meu pai que queria tocar bateria. Então ele disse que me colocaria numa escola BOA, porque neste país é preciso ser BOM para viver de música (risos). Ele me matriculou na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, onde fiquei por quase seis anos, estudando bateria, percussão sinfônica, música e teatro. Lá tive aulas com grandes mestres como Carmo Bartoloni, Alfredo Lima e, principalmente, José Eduardo Lennert, que foi o grande responsável por minha educação musical na bateria e meu modelo de como ser um bom professor. Quando ele saiu da Fundação e foi para o Clam, do Zimbo Trio, fui junto. Um tempo depois, aos 15 anos, tive alguns meses de aulas com o Duda Neves. Depois passei a estudar sozinho com métodos, videoaulas e qualquer material que estivesse disponível na época. Preciso lembrar que era o final dos anos 80 e ainda não existia internet aberta, então as coisas eram um pouco mais complicadas.

MD: Fale um pouco sobre seu projeto SuperOverDrive. Quando será lançado o CD?

AG: Aí entramos no campo de fazer o que se gosta de que falei antes. A SuperOverDrive é um projeto muito pessoal dos três integrantes da banda, pois nele estamos nos expressando verdadeiramente como músicos e compositores. Não estamos preocupados em nos encaixar em um modelo, se o disco vai vender, se vai tem um "hit" ou se vai ser um "sucesso". É um trabalho espontâneo e de amor, que reflete exatamente quem somos pessoal e musicalmente.

Estamos finalizando as gravações e em breve o disco será lançado, mas já disponibilizamos gratuitamente em nosso site o primeiro single, "The Gentle And The Madman", para quem quiser ter uma ideia do que está por vir. É uma música que exprime bem o conceito do disco, que trata basicamente da dualidade do ser humano; como podemos ser, ao mesmo tempo, almas capazes de fazer o bem e também as piores atrocidades com nossos semelhantes. Também escolhemos esta música como primeiro single por ser a mais fora dos padrões comerciais de rock atualmente. Ela tem longos trechos com locução, e o canto só entra nos refrões, mas este é um conceito usado nesta música por combinar com o que a letra quer dizer. Acho que este fato, por si só, já indica o quanto estamos preocupados em nos encaixar nos padrões comerciais musicais (risos). Para ilustrar, logo que lançamos o single vimos na internet as primeiras reações das pessoas que ouviram. A maioria gostou do conceito diferente, elogiou a música, a sonoridade etc. Mas há sempre aqueles que não se identificam. Uma pessoa até disse algo como: "Acho que este trabalho não vai ser bem-sucedido, pois a música é falada, e o canto só entra no refrão". Mas isso é muito interessante, pois acaba gerando um interesse nas pessoas que estão cansadas das velhas fórmulas.

MD: Qual foi o conceito para a gravação deste CD?

AG: Existiram dois conceitos na elaboração deste álbum. O primeiro é o conceito temático, que acabou acontecendo espontaneamente. Este disco era para ser o terceiro disco-solo do Ricky Furlani. As primeiras

SE VOCÊ É MÚSICO PROFISSIONAL

VOCÊ PRECISA LER

BACKSTAGE
produção musical
revista de conteúdo profissional

Tel. (21) 3627-7945
Tel. (21) 2440-4549

www.backstage.com.br

sessões de gravação de bateria foram feitas inclusive com este intuito. As músicas eram instrumentais, e criei e gravei as partes de bateria pensando dessa maneira. À medida que o tempo foi passando, surgiu a ideia de um disco cantado, de banda mesmo, e fomos fazendo as letras das músicas já existentes, além de compor outras músicas já com esse formato. Acho que é por isso que o disco já está sendo gravado há um bom tempo. O processo foi mudando de um ano para cá.

Sob esse conceito temático, ficamos em uma posição confortável sobre poder expressar nossas ideias combinando músicas e letras.

Em termos de conceito técnico de gravação, usei meu próprio instrumento, uma Mapex Mars Pro antiga, com dois bumbos e sete tambores, além de uma Yamaha Recording 9000 do estúdio onde gravamos a bateria, o Soul Mix, em Piracicaba, SP. Adoro gravar naquele estúdio, pois tudo conspira a favor: a sala e os equipamentos de gravação são excelentes, e o técnico, Renato Napty, sabe realmente como captar o *seu* som. Existem basicamente dois tipos de técnicos de som: aqueles que já têm um esquema pessoal de captação de som, e os que se preocupam em captar o timbre, pegada e dinâmica do instrumentista — o Renato é um desses últimos.

Sobre as caixas, usei duas: a minha Pearl Omar Hakim de 13", que tenho há bastante tempo e é uma das minhas preferidas, e a caixa da Recording 9000 de 14" do estúdio, mais profunda, para as músicas para as quais eu queria um timbre de caixa mais gordo.

Usei meus pratos, basicamente Paistes antigos, incluindo um 2000 Sound Reflections Power Ride de 20" e um 505 Heavy Hi-Hat de 13" (que ganhei do meu pai quando tinha 13 anos), mais dois chinas Wuhan (18" e 20") e alguns crashes Signature F da Octagon, de que gosto bastante, além de um bell e alguns splashes também da Paiste. Usei em algumas músicas um crash K Zildjian de 18" do próprio estúdio.

Utilizei várias baquetas nesta gravação, como as Pro-Mark 747 de hickory, as Liverpool 5A que ainda possuo da época em que era patrocinado por eles, além de alguns rods e baquetas com ponta de feltro. Não sou patrocinado por nenhuma marca, apenas relaciono meu equipamento, pois uso mesmo os de que gosto.

Neste disco também cantei e toquei teclados. Usei timbres vintage, como Moog, Mellotron e Hammond, além de alguns sintetizadores e pianos. Para isso, o Ricky gravou guitarras, violões e coro, e o Andrés cantou e tocou os baixos, alguns violões e teclados, e também violino.

Tivemos ainda participações muito especiais de André Calixto tocando flautas e clarinete, e Ronaldo de Oliveira em alguns arranjos de cordas.

Gostaria de deixar aqui os links do meu site e da SuperOverDrive, para quem quiser conhecer melhor nosso trabalho: www.andreganzales.com www.superoverdrive.com.br

Camilo Vasconcelos

BERNARD PURDIE

DE VOLTA AO MUSICAL HAIR

Se você assistir ao atual vencedor do prêmio Tony, a remontagem do musical da Broadway Hair, verá uma cara familiar e ouvirá um groove peculiar. Sim, trata-se de Bernard Purdie, tocando com seus companheiros em cima de um caminhão no lado esquerdo do palco e interpretando músicas como "Aquarius" e "Manchester England" com sua forma animada de tocar bateria.

"Toquei no *Hair* há mais de 40 anos", diz Purdie sobre sua colaboração com Galt McDermot, que escreveu o musical. O baterista tocou na produção da Broadway de 1968 (eventualmente deixando Idris Muhammad assumir as baquetas) e também participou da trilha sonora da versão filmada de Milos Forman em 1979. Ele e McDermot continuam a tocar juntos ocasionalmente na New Pulse Jazz Band.

Purdie fala com prazer sobre sua participação em *Hair*, e não apenas por "esta ser a primeira vez em 25 anos que recebo um pagamento fixo". É principalmente uma questão de liberdade rítmica. "As notas estão lá", diz ele, "mas posso tocar ao redor delas ou junto com elas graças a Wilbur Bashcomb, o baixista. Ele me permite ter essa liberdade. Existem momentos em que ele me puxa para a frente, e momentos em que eu o impulsiono. Pensamos parecido."

"É uma questão de energia", continua Purdie. "Eu transmito energia, e é diferente a cada noite. Os sopros ficam logo acima de mim. Eles sentam lá e escutam o que estamos fazendo. E às vezes esquecem de entrar!"

Para os que sentem falta de ver Purdie ao vivo, as batidas funkeadas estão garantidas durante todo o musical. "Eles destacaram o ritmo, colocando-o onde ele deveria estar, pois isso é o que vai vender", afirma o baterista. E os shuffles tradicionais de Purdie? "Sim, eles aparecem em diversas músicas. Galt não percebeu quantas vezes eu os toquei. Quando ele ouve a gravação, sorri e diz: 'Ah, você me pegou de novo!' e eu digo 'Só um pouquinho! Coloquei só um pouco'."

Michael Parillo